

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: PERSPECTIVAS SOBRE A PRÁTICA E DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

EVALUATION OF SCHOOL LEARNING: PERSPECTIVES ON PRACTICE AND CHALLENGES IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

*Michelle de Jesus Silva*¹

*Lizandro Poletto*²

RESUMO: Diante dos inúmeros desafios relacionados à avaliação da aprendizagem, podem ser citados a desmotivação dos educandos, a estrutura avaliativa pronta proposta pela escola, a ansiedade por alcançar números altos em avaliações nacionais, a reputação da escola aferida por indicadores avaliativos, entre outros. A avaliação é uma das principais discussões na escola, em diálogos na sala dos professores, conselhos de classe e em reuniões de pais. É comum ouvir sobre as preocupações dos familiares e professores no que diz respeito às “notas das provas”, sobre aprovação ou reprovação. Logo, surgem alguns questionamentos, como “Quais são as metodologias que contemplam a avaliação?”, “A avaliação que ocorre em sala de aula tem um fim em si mesma ou serve para pensar os processos de ensino e ressignificá-los?”, “De que forma é possível construir instrumentos verdadeiramente avaliativos?”. Tais questões serão mediadoras ao longo deste trabalho, a partir da perspectiva de se promover uma avaliação significativa que leve em consideração os processos educacionais. Para isso, também é necessário compreender como a aprendizagem ocorre, e nesse sentido será utilizado como aporte a perspectiva sociointeracionista.

Palavras-chave: Avaliação. Sociointeracionismo. Aprendizagem significativa. Instrumentos avaliativos. Ação – reflexão.

ABSTRACT: Due to the several challenges related to learning evaluation, it is possible to mention the discouragement of the students, the prompt evaluation structure proposed by the school, the anxiety for reaching high numbers in national evaluations, the reputation of the school measured by evaluative indicators, among others. Evaluation is one of the main discussions in the school, in dialogues in the teachers' room, class councils and in parents' meetings. It is common to hear about the concerns of family members and teachers regarding "test scores", about passing or failing. Therefore, some questions arise, such as "What are the methodologies that contemplate evaluation?", "Does the evaluation

¹ Acadêmica do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Centro Universitário Alfredo Nasser, do ano letivo 2020/2. E-mail: michellesva@hotmail.com

² Doutor em Ciências da Religião – PUC/GOIAS, Mestre em História – UFPR-PR, Teólogo -PUC-PR, Teólogo - PUL – Roma Itália. Bacharel em Direito – FAN-GO, Pedagogo -ULBRA-RG, Filósofo – FBB-BA, Historiador-FAN-GO, Administrador – FAN -GO, Cientista Social – ULBRA-RG, Geógrafo –FEAC-ES, Licenciado em Educação Física – Faculdade Ideal -DF; Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos – FEAC-ES. Professor no Centro Universitário Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, GO.

that occurs in the classroom have an end in itself or does it serve to think about the teaching processes and resignify them?", "In what way is it possible to build truly evaluative instruments? Such questions will be mediating throughout this work, from the perspective of promoting a meaningful evaluation that takes into account the educational processes. For this, it is also necessary to understand how learning occurs, and in this sense will be used as a contribution to the socio-interactionist perspective.

Keywords: Evaluation. Socio-interactionism. Significant learning. Evaluation tools. Action - reflection.

Data da Submissão: 25.Novembro.2020

Data de Aprovação: 10.Março.2021.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo direciona um estudo acerca do ato de avaliar, a fim de compreender suas perspectivas no âmbito educacional. No âmbito pedagógico o termo avaliação pode ser usado para aferir, ou seja, avaliar o desempenho dos educandos, e em grande parte do processo, é visto como tentativa de nivelar o conhecimento com o uso de textos, exames e registros. No entanto, avaliar deve ir além, e ser usada como uma ferramenta oportuna no aprendizado com o intuito de descobrir problemas e falhas nos processos educativos, para assim oportunizar melhorias.

Ainda é constante a prática avaliativa com o objetivo de selecionar, dessa forma busca-se separar os “melhores” dos “piores”, e distinguir de modo seletivo aqueles que possuem mais conhecimento, daqueles que possuem menos, sendo esse último o motivo de angústia entre educandos, família e professores. É, portanto, uma práxis negativa, que gera hierarquias sociais.

O tema escolhido justifica-se pelo sentimento de angústia que o termo avaliação causa em educandos, família e professores, haja vista que avaliar tem sido difícil diante de tantos desafios encontrados, entre eles a desmotivação dos educandos pelo aprendizado, a estrutura avaliativa pronta “proposta” pela escola, a ansiedade por alcançar números altos em avaliações nacionais, a reputação da escola aferida por indicadores avaliativos, entre outros.

Nesse sentido, busca-se com essa pesquisa fazer uma análise acerca dos métodos avaliativos mais utilizados para a verificação da aprendizagem nos anos iniciais, sobre como ocorre a avaliação na escola nos anos iniciais do E.F, para que serve a avaliação e as mudanças que esta produz. Pretende, ainda, desenvolver uma ação reflexiva sobre a elaboração de instrumentos avaliativos em um processo de pesquisa dialógica e bibliográfica, com base em teóricos relevantes que discutem a temática.

De fato, a avaliação é uma das principais discussões na escola, em diálogos na sala dos professores, conselhos de classe e em reuniões de pais. É comum ouvir sobre as preocupações dos familiares e professores no que diz respeito às “notas das provas”, aprovação ou reprovação. Nessa perspectiva surgem várias problematizações no pensamento científico pedagógico como: “Quais as metodologias que contemplam a avaliação?”, “A avaliação que ocorre em sala de aula tem um fim em si mesma ou serve para pensar os processos de ensino e ressignificá-los?”, “Como construir instrumentos verdadeiramente avaliativos?”.

Tais questões serão mediadoras ao longo desta pesquisa, a partir da perspectiva da perspectiva de avaliar significativamente ao considerar os processos educacionais. Para isso também é necessário compreender como a aprendizagem ocorre, e nesse sentido será permeado o ato de avaliar na perspectiva sociointeracionista.

A fim de embasar este estudo foram consultados autores, por meio que permitiram a construção do conteúdo relativo ao tema em debate. Assim, por meio de pesquisa bibliográfica foi possível alcançar os objetivos desejados para reflexão desta pesquisa. Ao parecer que a pesquisa bibliográfica de tal assunto já está conceituada e acabada, busca-se aqui uma concentração maior e evolutiva, um novo olhar para este tema considerando teóricos relevantes do processo de avaliação, como Hoffmann (1998), Luckesi (2014), Vygotsky (2007) e Dias (2002) e com destaque também para o entendimento de Both (2008), acerca da avaliação planejada e a aprendizagem consentida.

2 O AVALIAR E A ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA

Por demasiado tempo se pensou na avaliação associada à sombra negativa da reprovação e do sistema classificatório, característica de um modelo tradicional que ainda persiste em algumas instituições de educação. Avaliar, seguindo a teoria pedagógica tradicional, confere ao professor no processo de ensino e aprendizagem identificar no educando a eficiência da assimilação dos conteúdos no final, o que por vezes, desconsidera o desenvolvimento contínuo de toda a aprendizagem.

Há muitos debates em torno do ato de avaliar, pois o termo, por si só está carregado com significados advindos dos tempos em que o educando era visto como depósito de saberes, sendo assim não se considerava que suas experiências e vivências contribuíssem para seu desenvolvimento no contexto escolar.

Atualmente, por ainda persistir tais conceitos relacionados ao ato de avaliar, se torna preciso refletir erros e acertos do passado, no que se refere a prática pedagógica da avaliação. O sistema de avaliação que submete a classificação como resultado da investigação feita em provas e exames, desconsidera, por várias vezes, fatores relevantes do conhecimento e saber desenvolvido durante as aulas. Entende-se que por mais conceituada e aprimorada de conteúdos disciplinares seja a produção de uma prova teórica ou exame, o educando ao fazê-la, se sentirá inserido em um processo que desconsidera outros possíveis aprendizados que teve no decorrer do processo escolar.

Neste contexto, o aprendizado estará condicionado ao resultado que o professor terá em mãos, após a deliberação e entrega de tal exame, sendo visto como um instrumento de notificação que apresenta de maneira objetiva se o aluno aprendeu ou não o conteúdo. Todo esse ato de avaliar que foi construído durante esse tempo na pedagogia, no eixo teórico tradicional, inseriu nos educandos a ideia negativa de estudar apenas para alcançar as notas e não adquirir conhecimentos necessários a prática social.

Pois sucede porque a rotina escolar distanciou-se da autêntica viabilidade, que os estimuladores do desenvolvimento intelectual, precisaram ser modificados por fomentar artificialmente, entre eles a nota. Da mesma forma, o aluno estuda apenas para ter uma nota e não para ter suas contingências de dicção do mundo expandidas. Isso, é

obvio, delimita-se as perspectivas da estruturação do aluno e da respectiva avaliação. (SILVA *et. al.*, 2019, p. 27)

Para ir além e desenvolver uma avaliação contínua do intelecto do educando, é preciso refletir tal abordagem de avaliar tradicionalmente. O ato de realizar a prova ou exame obviamente têm sua relevância específica, mas é ainda mais importante considerar a aprendizagem no contínuo processo e avaliar no sentido do diagnóstico, com a percepção singular das experiências vivenciadas em sala de aula por parte do docente.

Os instrumentos tradicionais de avaliação ainda ocupam posição de destaque quando se fala em avaliação em sala de aula. Então, como ressignificar esse olhar sobre avaliação? A resposta se encontra no processo de formação docente. Educadores que conhecem o que é avaliar não permitem que sua prática pedagógica seja direcionada por instrumentos que não conseguem considerar os educandos em suas subjetividades. Por que a prova é tão difícil de ser colocada em segundo plano? É difícil mudar algo que foi construído há tanto tempo e que adquiriu o nome do processo como um todo, mas não é impossível. Além da formação dos professores é preciso preparar as famílias para a percepção deste novo modo de avaliar, pois apesar das queixas e preocupações, as famílias ainda depositam sua confiança no instrumento prova, originário do modelo tradicional, que determina o futuro dos seus filhos em relação a aprovação ou reprovação.

Nesse momento, entende-se que o uso de instrumentos de avaliação escrita, como a prova, persiste, como no próprio ingresso para a Universidade. Deste modo, o que se pretende discutir ao longo desta pesquisa é que existem outras formas de avaliar, mensurar, conhecer e demonstrar o que os educandos apreenderam no decorrer do processo escolar, e assim considerar suas práticas sociais, a interação com o meio, com os objetos e com o outro.

É importante ressaltar que, ainda que parte do legado de avaliar tradicionalmente seja classificatório e/ou de reprovação, a história evidencia a importância da pesquisa, do debate e da evolução. Assim, parte-se para uma reflexão ampliada e com novos olhares sob o ato de avaliar no ambiente pedagógico, com vivências, experimentações e interações. Desta forma será

possível desenvolver uma avaliação reflexiva, dialógica e diagnóstica, tanto para o educando quanto para o docente.

São recentes os estudos acerca do ato de avaliar que considera as diferentes formas de aprender, identifica a afetividade no processo, compreende os resultados na interação do educando com o meio e verifica o que realmente se aprendeu. Desde modo, considera suas experiências, faz diagnósticos no processo de avaliação e confere ao docente uma devolutiva para reflexão de seu trabalho. No entanto, essa forma pouco se efetiva na prática. O que impede que esses educandos sejam avaliados perspectiva?

O primeiro ponto se encontra na abordagem orientadora do trabalho pedagógico da escola, nesse sentido a forma de avaliar é o resultado de todo esse processo. Por que então a escolha pela abordagem sociointeracionista? Porque é uma abordagem que considera a interação relevante no aprendizado em grupo e os conhecimentos prévios, sendo assim uma abordagem que considera o educando e educador como autores do processo educativo.

Outro aspecto importante nessa abordagem é compreender o educador como mediador do processo, preparado, comprometido e responsável por guiar o caminho ao aprendizado. Este, por sua vez, deve ter sua prática pedagógica direcionada ao respeito e à dialogicidade, bem como considerar as várias realidades sociais que permeiam a vida do educando. Nesse sentido,

A educação envolve a relação entre seres humanos, diferentes entre si, que guardam seus próprios mistérios e que não haverá métodos ou processos infalíveis para compreendê-los em sua plenitude. O que um professor percebe a respeito do aluno pode ser diferente do que outro professor percebe e, provavelmente, diferente de como os alunos ou os seus colegas o percebem. O que significa edificar o processo avaliativo no terreno das hipóteses e não das certezas. Hipóteses a serem continuamente confirmadas, negadas, reformuladas, por um acompanhamento sério e permanente do professor em conjunto com outros professores, pais e outros educadores que se envolvem com o aluno. Seriedade essa que representa sobretudo o aprofundamento teórico do professor em sua área de ensino, em teorias de conhecimento, nos estágios evolutivos do pensamento dos estudantes, bem como exige do professor uma reflexão permanente sobre as concepções de vida e de educação que estariam influenciando nos seus julgamentos. (HOFFMANN, 1998, p.17)

A abordagem sociointeracionista encaminha para um processo dialógico, que envolve todos os que participam dele, considera outros momentos em que

a avaliação ocorre e não somente o final. Compreende-se que, esse movimento de forma espiral e não linear, evidencia todos os envolvidos no processo educativo que está em constante modificação, pelo meio, suas experiências e reformulações a partir do que aprendem com o outro. Neste contexto, Vygotsky (2007) menciona o conceito de zona de desenvolvimento proximal como o caminho entre o que se sabe e o que se pretende aprender.

Para compreender o processo de avaliação tratado aqui, é necessário refletir sobre o processo de ensino e de aprendizagem vivenciado em sala de aula. Como ensinar? O que ensinar? E, para que ensinar? A resposta que se tem a partir destas perguntas, traçam o caminho do ensinar ao aprender e avaliar, e reafirmam que a avaliação não um fim, mas todo um processo dialógico, contínuo e de vivências dentro do contexto escolar.

Nesse sentido, este estudo terá como aporte teórico Vygotsky, autor relevante da perspectiva sociointeracionista. Para Vygotsky (2007), o aprendizado se dá por meio da interação social e acontece quando indivíduos que já tem conhecimento prévios os compartilham com os outros sujeitos do processo. Desta forma, é relevante retomar o conceito de zona de desenvolvimento proximal que é o lugar onde ocorre o aprendizado, e é definida como:

[...] distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 2007, p. 97)

Logo, o conhecimento não segue uma linha imparcial, pois sempre se modifica, está em constante movimento e aprende-se com os outros sujeitos aprendentes e experientes. O aprendizado, portanto, é um lugar de diálogos, questionamentos e sentimentos entre professores e educandos.

Como então o aprendizado acontece na prática? Pensando em uma sala de aula hoje, pensa-se inicialmente este ambiente: cadeiras dispostas em círculos, grupos, duplas, a fim de oportunizar que os indivíduos interajam uns com os outros. Os instrumentos de aprendizagem contemplam informações sobre os conteúdos científicos, atuais, em diferentes formas de apresentação

(jornais, artigos, vídeos, jogos, plataformas interativas...). Antes da apresentação destes, é preciso ouvir os educandos, buscar seus conhecimentos prévios, para assim mediar o conteúdo com o que já sabem. Realizar e registrar são outros pontos importantes para que o aprendizado de fato ocorra, de modo que analisar os registros, dúvidas, elaborações e produções são essenciais para verificar o aprendizado, repensar a postura docente e a metodologia de ensino.

Nesse sentido, é relevante trazer à tona o conceito de mediação, para esclarecer como de fato ocorre em sala aula o aprendizado decorrente da relação professor-educando. Para Hoffmann (1998), a mediação ocorre:

[...]quando o professor pensa sobre como o aluno está pensando ou se sentindo sobre algo, quando o aluno pensa sobre como o professor e outros pensam e se sentem sobre esse mesmo algo, e quando, nesse momento, seus olhares cruzam-se e interpenetram-se, percebendo-se enquanto sujeitos concretos, com seus jeitos particulares de ser de conhecer, de existir. (HOFFMANN, 1998, p. 9)

Ensinar e avaliar devem ser processos articulados para que o aprendizado ocorra de forma significativa, assim, é necessário entender a avaliação como um instrumento que afere não somente a qualidade do aprendizado, mas como um processo que não acaba em si mesmo, e proporciona um novo olhar ao educador sobre a sua aula, os instrumentos utilizados, a abordagem orientadora do trabalho pedagógico e as dificuldades do educando.

Nesse sentido, para Hoffmann (1998) não é possível discutir sobre avaliação, pensando em finalizar o tema ou concluí-lo, ou seja, deve ser um assunto em constante análise. Logo, o processo de avaliar deve ser contínuo, e não se resumir a instrumentos tradicionais que não contemplam os educandos em sua integralidade, como a prova.

Avaliar na perspectiva sociointeracionista é compreender o educando em sua totalidade e considerar essencialmente suas experiências com o mundo. É de fato contribuir para a formação integral dele e ao mesmo tempo refletir sobre a prática de avaliar pedagogicamente de maneira contínua. Nessa abordagem o avaliar ocorre de forma singular, específica, afetiva, dialógica, responsável, e com respeito ao educando, com foco no alcance dos objetivos propostos da

aprendizagem. Contudo, é avaliar com uma reflexão constante sobre outros diversos instrumentos que se colocam a disposição no contexto escolar didático.

3 A AVALIAÇÃO COMO PRÁTICA REFLEXIVA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

No mundo contemporâneo as inúmeras transformações atingem os campos de todas as ciências, e valida sempre a necessidade da evolução no caminho percorrido. Com a educação não é diferente e a avaliação é um dos campos educacionais pedagógicos tratado neste artigo, por considerar necessário refletir sua prática atual. A relevância acerca da avaliação constitui-se em ir além da verificação do que o aluno aprendeu, e compreender com reflexões a atuação do professor nesse processo junto as possibilidades de outros instrumentos para diagnosticar os efeitos dos conhecimentos dentro dos espaços escolares para além dos muros da escola.

O processo de avaliação é elemento constante na vida escolar do educando. Quando se apresenta nos anos iniciais do ensino fundamental, avaliar já traz alguns sentimentos que, por vezes, são comuns e estão associados ao termo da avaliação escolar como, medo, apreensão, nervosismo, ansiedade, sendo estes associados aos conceitos de notas baixas, reprovação e repetência. Toda essa percepção é resultado de um trabalho de afirmação desses conceitos usados por professores e gestores autoritários como ferramenta de opressão. Para muitos, avaliar é aprovação ou reprovação, entre outros circula o entendimento de que avaliação é apenas instrumento de verificação de aprendizagem.

De acordo com Pereira:

No cotidiano escolar, ao se dialogar sobre a avaliação escolar que se processa, verifica-se que esta é frequentemente entendida como sendo aquele processo no qual, em algum momento da escolarização do aluno, se expressam os resultados obtidos pelos alunos. Os professores, a direção escolar, os pais e os próprios alunos se referem à avaliação como o instrumento que serve para verificar o nível de alcance de cada aluno em relação a determinados objetivos previstos nos diversos planejamentos, em variados níveis escolares. (PEREIRA, 2005, p. 89).

De fato, há muito o que se debater dentro da perspectiva do ato de avaliar. Na pedagogia o diálogo é fundamental para partilhar, colaborar, desenvolver os conhecimentos e pensar em medidas com vistas ao sucesso da aprendizagem. Neste contexto, é importante considerar as discussões acerca do ato de avaliar, junto às construções pedagógicas, bem como refletir a prática docente e por conseguinte o ato de avaliar.

Ao educando e ao professor, que vivenciam os anos iniciais do ensino fundamental, há muitos elementos, que utilizados corretamente, propiciam o alcance positivo ao ensino proposto por tal instituição. Deste modo, a avaliação não somente é um elemento, mas é também uma construção diária entre aluno e professor. Assim, como processo permeado de elementos, na educação escolar há os agentes passivos e ativos que realizam a práxis e sofrem com as ações desencadeadas.

Nesse sentido, para o momento de avaliar, por vezes proposto em etapas, o educando que se prepara para ser avaliado sofre, o que não se prepara sofre também e o educador consciente do seu papel frente a avaliação sofre em dobro por estes dois, além de pensar no quanto seu trabalho está comprometido, caso os resultados não sejam satisfatórios para o sistema de ensino. Nesse sentido termos como sucesso e fracasso seguem em uma linha perigosa no processo de avaliar, e pode transformar de inúmeras formas a vida do educando que está a iniciar sua vida escolar.

Segundo Hoffmann:

Sucesso e fracasso em termos de aprendizagem parecem ser uma perigosa invenção da escola. E verdadeiramente questionáveis os indicadores desses conceitos que tendem a provocar uma oposição entre as práticas avaliativas e o respeito às crianças e jovens brasileiros no seu direito constitucional à educação. Tornar objetivos, precisos e mensuráveis os indicadores de sucesso e fracasso permanece, ainda, como um dos mais sérios intentos de todas as escolas, que negam a individualidade de cada educando em razão de parâmetros avaliativos perversos e excludentes. (HOFFMANN, 1998, p. 11)

A este processo tradicional de avaliar considera-se o avaliador e o avaliado, em uma concepção, que perpetua até os dias atuais e se reafirma apesar de inúmeras discussões. Com alguns pontos negativos, este modelo de

avaliação desconsidera as diferentes formas de aprender e reflete no professor preocupações no que se refere a dar conta de todo o conteúdo ministrado.

Este ato de avaliar vivenciado por muitos educadores nega a reflexão do processo contínuo experimentado em sala de aula com os alunos, visto que, avaliar se torna uma ferramenta de atuação em determinado período do bimestre escolar. É um processo que verifica se o aluno aprendeu, e segue em frente sem ponderar o que se tem em mãos e como melhorar tal situação da aprendizagem, assim, os trabalhos, os conteúdos e as aulas continuam, não há prática reflexiva do que se teve ali. Pontua-se quantitativamente, em números, e segue-se para a próxima etapa.

Tal processo de avaliar torna irrelevante os direitos de aprendizagem dos educandos pois, nele a realização de uma única prova pode revelar por aparência que o aluno não tenha apreendido nenhum conhecimento. Seguramente, isto deve ser fortemente contestado, visto que, uma única “prova” não pode ser totalmente responsável por apontar resultados de um período que o educando esteve presente na sala de aula, mediado por experimentações, comunicações e interações com os conhecimentos e com o grupo de alunos na escola.

É urgente repensar este tipo de avaliação, que durante muito tempo consumiu as possibilidades de verificar, de fato, o andamento do processo de ensino e de aprendizagem dentro das aulas. Para Luckesi (2000) esta prática de avaliação autoritária conota um professor antidemocrático que não considera as capacidades de aprendizagem do aluno, ao passo que reprova ou aprova, elimina as possibilidades de desenvolvimentos das inteligências dos alunos, haja vista que leva em consideração somente o que é exigido especificamente por um currículo imposto, e não valida as experiências sociais e culturais aparentes no processo de aprendizagem.

À guisa disso, é necessário pensar no conceito de avaliação, fundamentalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, em que os alunos entram em contato, muitas vezes, pela primeira vez com as práticas escolares e, por conseguinte a avaliação. Nesse sentido torna-se indispensável desconectar o termo avaliação de todo o cargo histórico e cultural no sentido da aprovação e reprovação, que nele tem sido investido há tanto tempo. Várias teorias pedagógicas surgiram, algumas nas tentativas de transformar a realidade

tradicional e autoritária dos processos de ensino e de aprendizagem e de avaliação, mas ainda é preciso discussões reflexivas em torno do assunto.

A abordagem tratada neste estudo propõe uma avaliação que considere uma vertente pedagógica que pense nas experiências. Nesse caso, sugere a perspectiva sociointeracionista, em que as experiências e a interação com outro eleva a qualidade da aprendizagem e possibilita novas fontes de observação do educando no cotidiano escolar, inserido em uma avaliação contínua que respeita toda a sua bagagem interior e exterior à escola.

Ao educador cabe refletir sobre a avaliação como um processo dimensional de grande relevância. Para muito além do resultado final de aprendizagem do educando é preciso considerar também o entremeio do processo, as vivências e experiências realizadas. Esse refletir é para ajudar nas necessidades e dificuldades de aprendizagem, com o objetivo de melhorar e ampliar o desenvolvimento dos conteúdos e para que o educando tenha uma aprendizagem significativa e não se sinta desmotivado ou excluído do processo de aprendizagem.

Para que todo o processo de avaliar se configure nos aspectos de respeito, reponsabilidade, dialogicidade e democratização é preciso que o docente assuma a posição mediadora das intervenções diante da avaliação, considere a continuidade e todos os campos de experiências que os educandos possam vir a se desenvolver. Nesse sentido, avaliar sob a perspectiva de uma prática reflexiva busca dialogar com os resultados contínuos do processo de avaliação.

Para avaliar em uma prática reflexiva faz-se necessária a objetiva atenção do professor para identificar as habilidades que o aluno desenvolveu no decorrer do processo de aprendizagem junto a uma prática dialógica reflexiva que busque verificar como o educando atua frente as dificuldades de aprendizagem. Nesse sentido para Hoffmann (1998):

E do que se necessita em avaliação é justamente a construção de um olhar reflexivo, consciente e sensível do educador, que, como tal, só pode ser curioso e indagativo. (...) um olhar construtivo em avaliação articula-se ao desejo político do educador, que se traduz no compromisso de aprofundamento teórico, de uma atualização permanente e contextualizada e de uma consciência humanizadora sobre a realidade social. (HOFFMANN, 1998, p. 32)

Avaliar por uma ótica reflexiva apresenta relevância no que tange às ações dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, pois para avaliar os alunos, o professor precisa refletir e entender os conceitos e experiências envolvidas no processo de aprendizagem, e o aluno por sua vez, precisa estar inserido nas atividades, nas experiências, sendo assim um agente de transformação e de apropriação dos conhecimentos.

A avaliação da aprendizagem deve contemplar o caminho que o educando percorreu até o conhecimento científico. Mesmo que o sistema de ensino no qual o professor trabalha lhe imponha a realização de provas e/ou exames classificatórios finais, o professor por sua vez terá que fazê-lo, mas deve repensar na sua prática docente, efetivar a mediação, refletir e buscar uma elaboração adequada desse instrumento proposto para que ocorra a coleta de dados das dificuldades durante o período de aprendizagens, de experiências e assim tenha um *feedback* para ressignificação das suas aulas.

Com a prática de refletir sobre o processo de avaliação e os dados coletados, por meio dos instrumentos avaliativos, o professor poderá verificar quais pontos precisam ser melhorados, o que pode ser mais bem desenvolvido, as necessidades de aprendizagem dos educandos e todos os aspectos envolvidos na avaliação da aprendizagem no contexto escolar.

Permeada por esta perspectiva de avaliar em uma prática reflexiva, não se pode desconsiderar o envolvimento de todo o grupo escolar. Fundamentalmente, o professor e o aluno devem estar com uma base de profundo diálogo, em uma total vertente democrática, que viabilize o parar, refletir e atuar, sempre em consonância com os objetivos que de maneira norteadora, apontam para a prática docente.

4 REFLEXÃO SOBRE OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Em sala de aula é comum considerar que o mais importante na avaliação é a “prova” e/ou exames que ocorrem a cada fim de ciclo definido pela instituição de ensino. Neste contexto, todos os conteúdos trabalhados durante o fim do ciclo

devem estar distribuídos em questões objetivas e descritivas com o objetivo de avaliar o que foi apreendido ou não. No entanto, logo que este exame acontece o ciclo é finalizado, e muitas vezes a avaliação não cumpre aquilo a que deveria servir.

Para Hoffmann (1998):

Tornar objetivos, precisos e mensuráveis os indicadores de sucesso e fracasso permanece, ainda, como um dos mais sérios intentos de todas as escolas, que negam a individualidade de cada educando em razão de parâmetros avaliativos perversos e excludentes. [...] a prática avaliativa injusta e arbitrária que continua obstaculizando o acesso de crianças e jovens a outras séries e graus de ensino, ferindo-os no seu direito à educação progressiva e contínua. (HOFFMANN, 1998, p.11)

Ao chegar a um certo objetivo ou meta definidos pela instituição de ensino, do exame, o educando é aprovado, porém, caso este instrumento avaliativo tenha um valor baixo ou menor do que o esperado ele é reprovado. Em algumas situações, é necessário decidir a vida escolar deste educando em um conselho de classe, o que gera angústia e inquietude em ambas as partes envolvidas neste processo.

Longe da preocupação de um conselho para avaliar a aprendizagem do aluno e suas possibilidades de melhoria, fatores como ele estar abaixo da média, para constar nos registros burocráticos, indisciplina, irresponsabilidade com materiais, atividades e trabalhos, que constam gravadas na memória dos educadores, bastam para que sua reprovação aconteça. Por vezes, decisões assim, não consideram as experiências vivenciadas por aquele educando, não olha de maneira sensível para a sua realidade e aquilo que ele enfrentou durante o ano letivo, o que não se resume apenas à escola. Assim, a escola retém o educando, e retira a chance de continuar sua aprendizagem, ao mantê-lo na série, com os mesmos métodos e quem sabe, os mesmos professores.

Como deveria ocorrer então? O ideal é que se o instrumento de avaliação for a prova (objetiva ou descritiva) que haja uma devolutiva e uma intervenção pedagógica mensal, bimestral, trimestral ou de acordo com o tempo em que ela ocorrer. É preciso haver tempo para mudar realidades, para refletir e agir no sentido de alterar resultados, ou seja, avaliar e refletir o que não foi apreendido

e elaborar estratégias de ensino para que os educandos possam compreender melhor determinado conteúdo.

No entanto, pensar apenas nos instrumentos avaliativos não faz sentido se a abordagem pedagógica não contempla a todos, se as aulas são cansativas e conteudistas, se não há abertura para o diálogo, questionamentos e produções. Dessa forma, não faz sentido pensar em avaliar para melhorar pessoas, lugares, aulas e professores. Neste sentido, seria assim o professor o culpado pelo fracasso escolar?

De acordo com Hoffmann:

O que se pode dizer é que todo o educador precisa dar-se conta de que é seriamente comprometido com o juízo de valor emitido sobre o educando. [...] ao estabelecer um juízo de valor sobre o que observa, o professor interpreta o que vê a partir de suas experiências de vida, sentimentos e teorias. Na avaliação educacional há que se levar em conta a relação entre avaliador e o avaliado. (HOFFMANN, 1998, p.13)

Logo, ao professor cabe uma prática reflexiva, para avaliar e refletir sobre a sua prática e como isto se relaciona com os resultados obtidos. Em face disso, é importante lembrar que a sala de aula é um lugar heterogêneo e que determinados instrumentos de avaliação podem não contemplar todos os educandos, pois há diferentes formas de aprender e de demonstrar esse aprendizado. Elaborar outros instrumentos avaliativos seria a melhor forma de democratizar a avaliação, pois poderia levar em consideração a subjetividade de cada educando. Nesse sentido reflete-se com Luckesi:

Quaisquer que sejam os instrumentos- prova, teste, redação, monografia, dramatização, exposição oral, arguição etc.- necessitam manifestar qualidade satisfatória como instrumento para ser utilizado na avaliação da aprendizagem escolar, sob pena de estarmos qualificando inadequadamente nossos educandos e, conseqüentemente, praticando injustiças. Muitas vezes nossos educandos são competentes em suas habilidades, mas nossos instrumentos de coleta de dados são inadequados e, por isso, os julgamos, incorretamente, como incompetentes. (LUCKESI, 2000, p.7)

Assim pode-se observar que a dificuldade não está nas habilidades que o educando possui para realizar os instrumentos propostos e sim, nos modelos utilizados para se verificar a aprendizagem. Outra iniciativa por parte do docente

seria uma devolutiva em forma de relatórios que contemplem aspectos antes não observados, ou seja, avaliar o educando em sua totalidade em sala de aula, como: participação, produção, elaboração, habilidade de trabalhar em equipe, resolução de problemas, autonomia, entre outros. Esta iniciativa representa um desafio e conforme afirma Pereira:

Um outro desafio percebido na prática pedagógica, e que interfere decisivamente na avaliação, se refere ao registro. Ampliar a natureza dos registros avaliativos representa descrever e analisar o acompanhamento de cada aluno. É como se o professor tirasse muitas fotos de cada aluno, em diferentes momentos da aprendizagem, verificando, entre outros aspectos, os passos dados, os obstáculos que venceu, as soluções que encontrou para prosseguir. (PEREIRA, 2005, p. 92)

Assim, o docente deve buscar encarar e superar esse e outros desafios que surgem, e direcionar a prática avaliativa na realização dos registros, pois acompanhar o aluno continuamente é respeitar seu tempo de aprendizagem e outros saberes que ele gradativamente constrói.

Mesmo estando imerso em sistema que exige formas tradicionais de avaliar, como a prova escrita, é possível articular com outros instrumentos de avaliação, elaborar a avaliação escrita de forma que contemple os conteúdos de forma significativa e não punitiva, no sentido de avaliar dificuldades e aprendizados, e por fim utilizar a avaliação para aferir o nível de aprendizado da turma, localizar as dificuldades e repensar as metodologias das aulas.

Como proposto na presente pesquisa, o docente poderá ampliar os horizontes para novos modos de avaliar, vislumbrar as experiências vivenciadas do aluno com os saberes e com o grupo em sala de aula ao posicionar um olhar atento em todas as atividades e não somente no dia da avaliação. Deste modo, o professor construirá gradativamente a análise do educando e poderá também observar outras aprendizagens significativas que o educando porventura compreendeu.

Segundo Luckesi (2000) a avaliação não pode continuar a ser um modelo autoritário de verificação de aprendizagem, mas precisa estar a serviço de melhorar a educação e contribuir para evolução da aprendizagem dos educandos. Avaliar a aprendizagem é um recurso útil, e se realizado com a compreensão de todos os aspectos que na realidade escolar a englobam, os

resultados serão excelentes e estarão a favor de proporcionar ao aluno o acesso ao ensino de qualidade e a permanência nele.

Há muito tempo têm se discutido a necessidade de transformar o caráter classificatório da avaliação. Alguns documentos norteadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), já configuravam para um novo olhar do ato de avaliar, que deveria buscar obter informações do alcance do aprendizado nos alunos e uma reflexão docente de maneira contínua sobre o ato de avaliar. Esses elementos foram importantes para o novo desenho do ato de avaliar, mas ainda persistem métodos tradicionais, com vistas à avaliação classificatória, o que desconsidera de fato a avaliação da aprendizagem.

Portanto, a avaliação da aprendizagem deve estar situada como um instrumento de pesquisa para compreender o educando em suas necessidades de aprendizagem, suas experiências, os aspectos sociais, culturais e de interação, e ainda um *feedback* de toda a proposta do trabalho do professor e seu desenvolvimento. Para muito além, servir para pensar e repensar todo o processo de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se sucedeu da emergência em abordar a prática de avaliação instituída atualmente. A educação necessita evoluir junto com os avanços globais, e o tema avaliação não pode mais ser instituído apenas e somente como verificação de aprendizagem, é preciso considerar muito mais em sala de aula, mais do professor, mais da aprendizagem, mais do aluno, de maneira a compreender todos os processos aos quais se chega até e na avaliação.

Por meio deste realizou-se uma análise bibliográfica, acerca da problemática que envolve a avaliação escolar carregada de preceitos tradicionais, verificatórios, classificatórios e por vezes punitivos, presente ainda nas escolas do país. Considerou novas metodologias para avaliar a aprendizagem em sala de aula, a fim de avançar cientificamente na discussão do tema, dialogar com autores, que permeiam o viés da prática reflexiva de avaliar. Esta prática reflexiva é ato docente fundamental para respeitar as

aprendizagens de todos os educandos em sala de aula configurando assim uma nova proposta para o ato de avaliar, sendo esta por uma abordagem sociointeracionista.

A pesquisa aqui realizada abordou a prática do ato de avaliar como uma nova vertente, a partir de uma abordagem sociointeracionista, que toma por base as experiências e vivências sociais como ponto fundamental para avaliar o educando no que cerne a sua aprendizagem escolar. Entende-se com esta pesquisa que a avaliação é uma prática didática do trabalho do professor e que diariamente é fundamental que haja o acompanhamento de todas as etapas do processo ensino-aprendizagem, desta forma toda proposta escolar e didático-pedagógica do professor deve ser refletida continuamente. Deve-se pensar na aplicação das atividades e dos instrumentos de avaliação de maneira responsável e com respeito às habilidades dos educandos.

O presente estudo desvelou os conceitos de avaliação tradicional, sua relação com a aprendizagem e implicações na vida acadêmica dos estudantes. Deste modo, situou e definiu o conceito e o desenvolvimento da avaliação da aprendizagem. Chamou a atenção do olhar docente para a interação do aluno em sala de aula, a fim de considerar a relevância das experiências para o resultado do período escolar.

Compreende-se a partir das pesquisas realizadas que o ato de avaliar deve seguir uma prática reflexiva por parte do docente a fim de alcançar o estado dos educandos dentro do processo de ensino e de aprendizagem. Diante de tantas transformações e dos processos dialógicos na educação, a prática avaliativa presente na escola deve ser permanentemente discutida com o intuito de romper com as barreiras criadas ao longo do tempo.

Repensar a avaliação possibilita construir novas linhas de raciocínio e buscar a partir da perspectiva da compreensão das aprendizagens desenvolvidas, a observação e consideração relevante das experiências vivenciadas pelo educando durante todo o processo, bem como a diversidade do grupo de estudantes e as habilidades de cada um.

Nesse sentido torna-se fundamental as reflexões em torno das práticas avaliativas que ainda persistem em vertentes tradicionais, o que dificulta a evolução pedagógica e conseqüentemente atinge negativamente os educandos. É preciso se atentar aos instrumentos de avaliação em uma dialogicidade em

busca de se desenvolver o novo dentro da sala de aula, favorecer o trabalho democrático, isto é, considerar e respeitar cada educando na sua singularidade no processo de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BOTH, I. J. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida**: é ensinando que se avalia, é avaliando que se ensina. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC / SEF, 1998.

DIAS SOBRINHO, J. Campo e caminhos da avaliação: a avaliação da educação superior no Brasil. In: FREITAS, L. C. (org.). **Avaliação**: construindo o campo e a crítica. Florianópolis: Insular. 2002. p. 13-62.

HOFFMANN, J. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação. 1998.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez Editora. 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem. **Revista Pátio**, Porto Alegre, v. 3, n. 12, fev./abr. 2000. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2511.pdf> Acesso em: 12 nov. 2020.

MARCONI, M. LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india Acesso em: 12 nov. 2020.

PEREIRA, Marina Lucia de Carvalho. Repensando a avaliação escolar: desafios e perspectivas. **Paidéia**, v. 4, n. 6, 2005.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.